

6 Conclusão

Algumas premissas nortearam o nosso trabalho. A primeira foi a centralidade de Cristo. Cristo e sua salvação em continuidade à fé veterotestamentária, e ao mesmo tempo início de uma nova era, marcou definitivamente a civilização humana. A teologia fala da realidade de Deus Uno e Trino, que em Cristo se revelou de forma definitiva e irrevogável e que nos chama para participar da comunhão divina. Guiado pela força do Espírito, o homem é capaz de compreender a verdade revelada por Jesus Cristo sobre sua vocação e seu destino último. A cristologia, portanto, é o ponto de encontro na busca para uma resposta mais articulada sobre a condição humana. A pluralidade de cristologias presentes no Novo Testamento e ao longo da história do cristianismo nos indica que a cristologia sempre será tarefa a concluir e a ser completada. A cristologia, centro da teologia cristã, deve ser capaz de fundamentar a verdade da fé em Cristo de forma atual em nosso tempo, como caminho e esperança para o ser humano.

A segunda premissa nasceu da leitura do Concílio Vaticano II, em especial da Constituição *Gaudium et Spes*, que se colocou diante dos problemas concretos do homem em sua época e evidenciou de forma capital o acento cristológico. A fé cristã não pode abrir mão de Jesus Cristo, como revelador definitivo de Deus e salvador universal da humanidade, nem ficar à parte das inquietações humanas. E, a terceira, foi a certeza de que Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e Nele descobre a sua vocação.

A teologia bíblica da criação nos permite distinguir o reconhecimento de duas espécies de enunciados sobre a criação: a criação do homem e a criação do mundo. Mas, além disso, nos permite entender o pano de fundo das concepções e da crescente conscientização da grandeza de Deus e de seu Filho, Jesus Cristo.

Jesus Cristo é a chave de compreensão da criação. É ele que dá acesso à compreensão da criação, ou melhor, na expressão paulina “da nova criação”. Ele é o caminho para Deus e para a salvação. No caminho terreno e humano de Jesus se estabelece uma indissolúvel vinculação entre criação, encarnação e salvação. Por meio de Jesus Cristo, a salvação de Deus torna-se real e universal.

O Concílio Vaticano II incentivou uma mudança de linguagem, a proximidade ao Evangelho e à escuta do mundo para transmitir a fé em Cristo perante a racionalidade crítica do seu tempo. Tornar significativo o sentido de Jesus Cristo, valorizando-se conteúdos antropológicos, contextuais e escatológicos, na compreensão do seu mistério, amplia o espaço hermenêutico dando possibilidade a outras interpretações para a mesma experiência de fé em diferentes contextos históricos, sociais, culturais e religiosos.

Jesus de Nazaré com seu comportamento e ações quebrou tradições e tabus, curou os doentes, reintegrou os excluídos da sociedade, perdoou os pecadores, sensibilizou-se com os mais pobres e fez de sua vida uma doação total ao ser humano. Uma existência histórica voltada para revelar um Deus de amor, misericórdia e compaixão. Jesus Cristo revelou o amor de Deus através de sua vida de obediência ao Pai e voltada para os seus semelhantes. O significado único da ressurreição para a salvação da humanidade foi captado e professado pela comunidade primitiva pela ação do Espírito Santo. Terminada a sua missão Jesus retorna ao Pai exaltado. Tudo parte do Pai, o Filho como seu enviado nada pode fazer por si mesmo (Jo 5,19; 5,30). Trata-se de um descer ao mundo (Jo 16,28) como ato de total obediência ao Pai (Hb 10,5.7). Cristo se torna a vontade do Pai realizada no tempo, dom de Deus e história de salvação.

Jesus foi apresentado como *Logos* criador e revelador que se fez carne. No homem Jesus revela-se quem é Deus e a humanidade recebe uma qualificação nova. O homem, a história e o cosmos são valorizados na encarnação do *Logos*. A partir da encarnação, um Deus igual ao ser humano, exceto no pecado, é o único que pode revelar ao mundo a sua salvação.

Assumir a existência de Jesus Cristo é a forma como chegar a Deus. A fé cristã tem seu núcleo no fato de que Deus é amor e que só através do amor alcançamos a salvação. A história da salvação é uma história de seguimento e tem seu ponto central em Cristo. O seguimento é uma vinculação pessoal com Cristo e compromisso com sua causa, e guarda o sentido profundo do seguimento pré pascal, ponto de referência para a identidade dos cristãos. Trata-se de uma categoria cristológica que possibilita o fortalecimento da identidade cristã.

Deus chamou o homem à vocação transcendental e escatológica, mas dentro de um processo histórico, onde a presença de Cristo é o princípio divino e determinante do ser humano. Como compromisso definitivo de esperança, Jesus

Cristo nos deu a consciência da salvação quando assumiu a nossa condição humana, menos no pecado, e realiza conosco a dinâmica de sua graça salvadora.

Reconhecemos neste nosso trabalho a imensa abrangência do pensamento cristão. Tentamos refletir sobre a relação entre criação, encarnação e salvação apresentar a história da salvação considerando o homem e suas questões antropológicas básicas sem percorrer um desenvolvimento histórico e dogmático. Algumas fontes da tradição nos ofereceram elementos para uma reflexão sobre o homem diante de sua constante busca por identidade, e interrogações sobre a sua finitude.

Um salto cronológico nos situou no Concílio do Vaticano II, de onde julgamos pertinente evidenciar pontos da antropologia e escatologia como subsídios ainda atuais para as questões da nossa época. O Concílio valorizou de forma inédita a categoria de relação entre os diversos campos da teologia. Hoje é preciso investir nesta categoria, onde as verdades não mais absolutas sedem lugar à consideração de experiências, uma ética de situações e afetos que impregnam os fenômenos humanos atuais e as contradições de um mundo em gestação.

A conversão antropocêntrica facilitou o contato da teologia com as ciências humanas e com a filosofia, mas novos diálogos são necessários para enfrentar as práticas de uma nova sociedade na pós modernidade. A recordação de valores é útil na confrontação do modelo social contemporâneo para indicar uma fonte cristã, ética e espiritual.

Percebemos a riqueza da doutrina antropológica cristã que abrange todo o homem em seu comportamento individual e social, e como o mistério do homem está imbuído do mistério de Deus. Conscientes do confronto com o fim das grandes certezas ideológicas e dos valores culturais que moldaram a modernidade é indispensável recuar um pouco para circunscrever com discernimento o que aparece aos nossos olhos, dimensionando seu justo valor.

Trata-se de melhor compreender e ter subsídios para integrar e balizar o caminho da pós modernidade. Não se trata de negá-las, mas alargá-las compreendendo, e não julgando, todos os fenômenos humanos e a vida em sua integralidade através de seus diversos componentes, sejam eles naturais, sejam culturais ou sociais. Tal perspectiva implica numa tomada de posição cristológica, cosmológica e antropológica, atenta à lógica da experiência vivida para perceber a destinação fundamental da vida.

O cristianismo pôde alcançar sua universalidade porque estava seguro do que era sem recear tomar emprestados elementos filosóficos e mitológicos às religiões e filosofias circundantes. Trata-se de uma estreita ligação entre a fé, a expressão da fé e seu testemunho. A pós modernidade não se inscreve mais numa concepção linear de história. Por isso, a lógica do presente, da experiência vivida e do sensível assume um estatuto racional que favorece a tomada de consciência para um encontro profundo com Jesus Cristo e que busca a cada momento aprofundar sua experiência de fé. Percebemos em Jesus a luta de Deus contra o mal. O ser humano vence o mal mediante a prática da justiça, no amor fraterno e no cuidado responsável pela criação.

O ser humano é criado em Cristo, traz em si a imagem de Deus que é Cristo. Na encarnação o ser humano visualiza Aquele do qual foi criada imagem, Cristo. Visualiza o seu caminho no seguimento de Jesus participando do Reino de Deus, vivendo segundo Cristo, plasmando em si a imagem de Cristo. Por isso, Cristo é o sentido da existência e o destino final do ser humano:

Na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. Com efeito, Adão o primeiro homem era figura daquele que haveria de vir, isto é, de Cristo Senhor. Novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação. Não é, portanto de admirar que em Cristo estas verdades encontrem sua fonte e atinjam seu ápice (GS 22).

Concluimos que tudo na teologia se refere a Cristo ou dele deriva, e somente na sua centralidade podemos contemplar a totalidade da verdade que transforma a vida do homem. Sempre tendo em vista este princípio de centralidade de Cristo na vida humana buscamos mostrar que a fé em Cristo, mesmo diante de uma sociedade em transformação ainda tem muito a dizer ao homem.